

10. A vocação redefine a identidade

Quando Jesus convocou os doze discípulos, estes já o seguiam por algum tempo. Já tinham aceitado e decidido seguir Jesus; já tinham ouvido todo o Sermão da montanha; já tinham visto Jesus realizar grandes milagres, curar todos os tipos de enfermidades inclusive a lepra, ressuscitar uma jovem e dominar a tempestade no mar. Já o tinham visto expulsar demônios, não apenas um, mas uma legião de demônios...

Por isso, quando os chamou para Si, para estar em Sua presença, era como se depois de tudo, Jesus quisesse centrar novamente toda a questão; como se desejasse definir a vocação dos discípulos em meio a todos estes acontecimentos, a todas estas palavras, estas experiências extraordinárias. É a este ponto, de fato, que Mateus coloca a instituição dos Doze como Apóstolos, elencando seus nomes e apelidos (Mt 10,2-5). Jesus define a vocação dos Apóstolos, trazendo-os de volta à origem de tudo o que viram e ouviram no primeiro encontro, o encanto essencial de Sua presença, ao primeiro ir à Ele, ao primeiro chamado à Ele.

"Chamados a si os doze..."

Provavelmente, naquele momento, não estavam fisicamente longe de Jesus, pois já O seguiam. Mas não estavam centrados n'Ele. Como acontece sempre conosco. Estavam distantes com o coração, distraídos com o coração, não estavam inclinados a ouvir a Sua voz e a receber somente Dele poder e missão, o poder da missão, a missão de poder agir somente como Ele poderia agir, o poder de expressar no mundo a Sua presença. Os chama a Si. Os centra de novo em Sua presença. E o fato que o Evangelho logo liste o nome dos Doze, nos faz entender que é só o chamado, a vocação de Cristo e a Cristo, a nos identificar, que nos faz entender o que significa dizer "eu", ser pessoa, ter uma identidade precisa.

Pensem em como S. Bento nos fala sobre o tempo da Quaresma. Diz ser um tempo no qual somos chamados a retornar à pureza de nossa vocação, porque "a vida do monge deve sempre conservar a observância da Quaresma" (RB 49,1), que para ele significa esperar "a santa Páscoa com a alegria do desejo espiritual" (49,7). Isto significa que através das orações, silêncio, leitura, mortificação dos alimentos e palavras, se deixe novamente chamar por Jesus, a voltar ao primeiro encontro com Ele, no qual Seu olhar e Sua voz nos atraíram a dizer sim, a desejar segui-lo para sempre, para a plenitude da vida, oferecida pela Ressurreição. É isto a permitir ser nós mesmos, porque somos nós mesmos na medida em que Cristo define e salva o nosso "eu".

Cristo que nos chama a Si é a origem e a consistência de nossa identidade. Uma identidade de comunhão, pois Cristo nos chama a Ele, nos *convoca* a Ele, estabelecendo entre nós, uma relação baseada Nele, a qual nunca poderíamos estabelecer por nossa escolha ou simpatia, ou simplesmente por parentesco.

É assim que nasce a comunidade cristã, e somente assim uma comunidade permanece cristã ou volta a ser quando outros fatores fora do chamado de Cristo motivam o estar juntos, normalmente com a violência de um moralismo voluntário, isto é, com extrema fragilidade.

A graça é que tudo se redefine a partir da vocação que nos atrai para Cristo, e na qual Ele nos envia. Também o parentesco entre Pedro e André, Tiago e João, o fato de serem filhos de Zebedeu, de Alfeu, ou o trabalho exercido como o de Mateus o publicano, ou a origem cananeia de Simão. Até a traição de Judas... Tudo se redefine a partir do fato que Cristo nos chama a Si, a partir do momento em que Cristo nos chama a Si.

Porque toda realidade, a verdadeira face da realidade, é Cristo que nos chama a Si, é a vocação de estar na presença de Jesus. "E quando serei elevado da terra, atrairei todos a mim" (Jo 12,32). Toda vida tem seu destino final no Senhor que nos chama a Si. Esta não é a definição cristã da morte? "O Senhor chamou o nosso irmão, nossa irmã para Ele...".

A verdade e beleza, o sentido de cada experiência, cada encontro e detalhe da vida é este chamado de Cristo para Si, esta convocação à Ele que nos torna familiares de todo ser humano, e dá senso a todas as criaturas, da folha às estrelas, pois também através de uma folha Cristo nos chama a Si, a folha assim como as estrelas nos foi dada pelo Mistério para nos atrair a Ele, é eco do Verbo que os criou para nos atrair a Ele.

Toda realidade é Cristo chamando a Ele. Não são as coisas ou pessoas belas, ou os bons tempos que nos chamam, nos atraem, é sempre Cristo a nos chamar a Si através de tudo, e isto torna belas as coisas e pessoas, torna intensa e eterna cada experiência, até o mosquitinho observado. Viver uma experiência bela, sem sentir-se chamado a Ele, atraído por Ele, torna a beleza inconsistente, uma experiência de beleza inacabada. Mas é tão determinante a Sua presença para a realização do ser humano, que uma única percepção desta incompletude, desilusão ou nostalgia do "Deus desconhecido" (cf. At 17,23), faz o homem grande, o faz humano.

O que nos cansa, e torna a realidade mais estafante e desgastada é a perda do sentido desta vocação original. Não ouvimos mais Jesus a nos chamar a Ele, somente a Ele, e não para fazer isso ou aquilo mas para Ele, antes de tudo a Ele. Ele deseja nos dar o poder, a energia do Espírito Santo, isto é a graça, para fazer tudo, para realizar nosso trabalho indo além do possível.

São Bento deseja que nos lembremos, pelo menos toda as vezes que toca o sino para o Ofício Divino, isto é, uma dezena de vezes por dia, deixando nosso trabalho para ouvir o chamado do Senhor. Diz, de fato, que "nada se deve preferir à obra de Deus" (RB 43,3). E sabemos que isto significa "não preferir absolutamente nada a Cristo" (RB 72,11; cf. 4,21), ou "não ter nada mais caro que Cristo" (cf. 5,2) que nos incita a uma obediência sem demora.

Isto educa a nos sentir chamados em todas as circunstâncias do dia, ou seja, quando nos chama um hóspede, pobre, peregrino, abade ou um irmão, irmã de nossa comunidade. Toda a Regra deseja educar a nos sentir chamados por Cristo em cada situação e momento da vida, a viver tudo como vocação.

Isto é o essencial de cada vocação cristã, fundada no batismo. E de todos os atos pedidos pela Igreja: oração, Ofício divino, sacramentos, silêncio, *lectio divina*, vida comunitária, na família no caso dos leigos, ou na dimensão eclesial e católica, isto é, universal, com o qual uma pessoa vive a sua solidão... Tudo é Jesus chamando-nos a Si e ajudando a corresponder a este chamado. Chama-nos a Si para dar o impossível, para expressar o impossível, para realizar a "missão impossível", confiada sobretudo aos Apóstolos e através destes a toda a Igreja, mas não esquecendo que é impossível, e por isso não se pode ser fiel a missão sem fidelidade à vocação que nos atrai a Cristo, e basta.